

REALIDADE

Confiança dos docentes na utilização
do digital na transição para o
Ensino a Distância

TÓRRE

FICHA TÉCNICA

Título

Confiança dos docentes na utilização do digital na transição para o Ensino a Distância

Autores

Ana Pedro

João Piedade

Nuno Dorotea

Editor

Ministério da Educação - Direção-Geral da Educação

Diretor-Geral da Direção-Geral da Educação (DGE)

José Vítor Pedroso

ISBN

978-972-742-491-7

Data

Lisboa, julho 2021

Relatório

Confiança dos docentes na utilização do digital na transição para o Ensino a Distância

Ana Pedro

João Piedade

Nuno Dorotea

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Julho 2021

i. Enquadramento	3
ii. Metodologia	4
iii. Análise de resultados	5
iv. Conclusões fundamentais	12
Referências Bibliográficas.....	13

i. Enquadramento

Na sequência da criação e implementação do Plano de Ação para a Transição Digital (Resolução do Conselho de Ministros n.º 30/2020, 2020) houve uma preocupação significativa com a necessidade de mapeamento dos níveis de competência digital dos professores portugueses. Estes dados são entendidos como um elemento central ao desenvolvimento de uma escola digitalmente capaz, onde se compreende que os professores são um elemento essencial à inovação e ao desenvolvimento pedagógico.

Para este mapeamento, foram utilizados o Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores (DigCompEdu) e a ferramenta de autoavaliação desenvolvida com base no mesmo – Check-In – como instrumentos de recolha de dados, tendo sido aplicados junto dos professores entre janeiro e março de 2021, numa estratégia articulada entre a Direção-Geral de Educação, os Centros de Formação de Associações de Escola (CFAE) e a Universidade de Aveiro (entidade responsável pelo desenvolvimento do estudo)¹.

Considerando, contudo, a fase de Ensino Remoto de Emergência – decorrente da pandemia motivada pela Covid-19 – viu-se como fundamental analisar igualmente o grau de confiança dos docentes na utilização do digital após a transição para o Ensino a Distância durante os meses em que tal aconteceu. Para tal, foram adicionados oito itens à escala original. Estes itens, criados a partir duma noção de autoeficácia de Bandura (1977, 1997), procuraram analisar o grau de confiança dos professores na utilização do digital, em diferentes dimensões: (i) avaliação, (ii) pedagogia, (iii) metodologia e (iv) planificação.

Pretendeu-se, assim, entender a competência e a confiança dos professores como fatores decisivos na implementação da inovação nas práticas educativas (Peralta & Costa, 2009; Becker & Riel, 2000; Williams, 1993), de forma a contribuir para um maior sucesso pedagógico.

¹ Lucas, M. & Bem-Haja, P. (2021). Estudo sobre o nível de competências digitais dos docentes do ensino básico e secundário dos Agrupamentos de Escolas e das Escolas Não Agrupadas da rede pública de Portugal Continental

ii. Metodologia

As respostas foram obtidas através da aplicação de um questionário, realizado pela Universidade de Aveiro, DGE e em articulação com todos os Centros de Formação de Associação de Escolas (CFAE) portugueses e cinco Escolas Portuguesas no Estrangeiro. Obtiveram-se inicialmente 138 310 respostas, que após limpeza e depuração dos dados, identificaram 99 760 respostas², dos quais 77168 eram do sexo feminino e 22592 do sexo masculino.

Como referido anteriormente, foram adicionados ao questionário inicial, oito itens de auto percepção relativos ao grau de confiança dos professores na utilização da tecnologia durante a experiência de transição temporária para o Ensino a Distância imposta pela pandemia COVID-19. Estes itens organizaram-se numa escala de concordância de cinco pontos em formato *Likert* variando entre discordo totalmente (1) e concordo totalmente (5).

Tabela 1: *Itens relativos ao grau de confiança dos professores na utilização da tecnologia*

Considerando a experiência de transição temporária para o Ensino a Distância imposta pela pandemia COVID-19, sinto-me mais confiante para:	
i.	utilizar as tecnologias digitais
ii.	pesquisar e explorar pedagogicamente tecnologias e ferramentas digitais que ainda não conheço
iii.	utilizar as tecnologias digitais para atividades de ensino e aprendizagem
iv.	utilizar as tecnologias digitais na avaliação das aprendizagens (formativa e/ou sumativa)
v.	implementar novos métodos e estratégias de ensino e aprendizagem recorrendo às tecnologias digitais
vi.	colaborar mais com os meus colegas utilizando as tecnologias digitais (na planificação de atividades, criação de conteúdo ou partilha de experiências, entre outras)

² Lucas, M. & Bem-Haja, P. (2021). Estudo sobre o nível de competências digitais dos docentes do ensino básico e secundário dos Agrupamentos de Escolas e das Escolas Não Agrupadas da rede pública de Portugal Continental

vii.	apoiar os meus alunos na utilização das tecnologias digitais nas suas tarefas de aprendizagem
viii.	frequentar formação (formação contínua, webinar, encontros online, entre outros) na área da integração pedagógica das tecnologias digitais (presencial e/ou online)

iii. Análise de resultados

Os dados gerais recolhidos permitem constatar que a maioria dos professores respondentes assinalaram a sua concordância total relativamente às oito questões colocadas. Analisando o gráfico seguinte, é possível identificar que, face ao questionamento sobre o aumento da sua confiança na utilização das tecnologias digitais pós transição para o período de Ensino Remoto de Emergência, em todos os itens se obtiveram resultados acima dos 72% no que concerne à sua concordância. Estes dados ganham um maior destaque se identificarmos que na maioria dos itens os resultados se situam num valor total de concordância. Assinalam-se ainda os resultados obtidos relativamente ao grau de confiança dos professores na frequência de formação na área da integração pedagógica das tecnologias digitais, cujos valores se situam na ordem dos 60% de concordância total. Por outro lado, é o item relativo à confiança na utilização das tecnologias digitais na avaliação das aprendizagens que apresenta os valores mais baixos de concordância, sendo representativo das dificuldades vivenciadas pelos professores nesta integração.

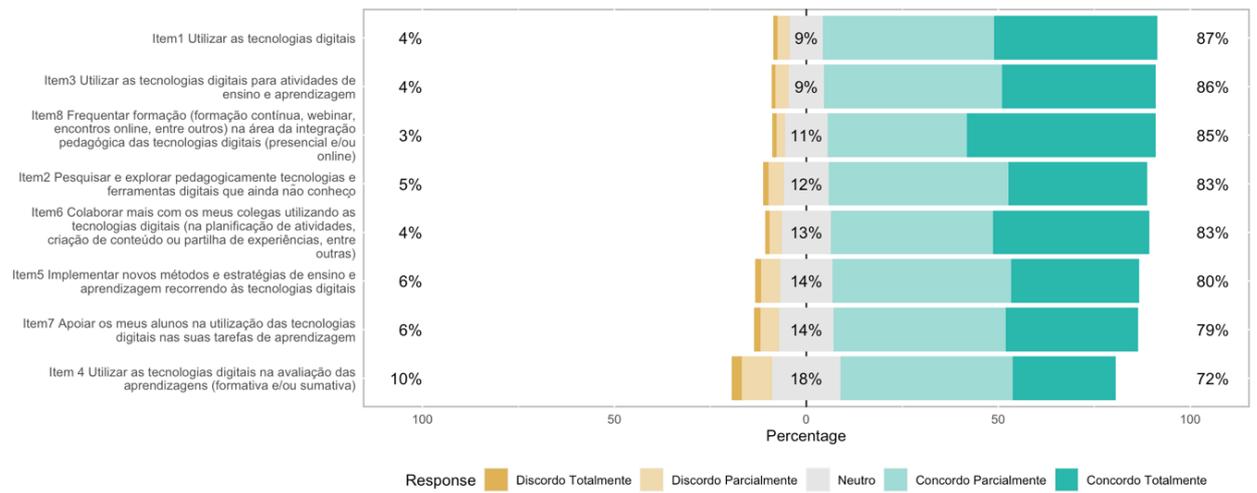


Figura 1: Percentagens relativas à confiança na utilização das tecnologias digitais pós transição para o período de Ensino Remoto de Emergência

Analisando os dados relativos às diferenças de idade dos professores respondentes face às questões colocadas, podemos constatar que, em todos os itens, são os professores com mais de 60 anos aqueles que demonstram valores de menor confiança face à utilização das tecnologias. Estes dados são mais representativos no item 4, referente à utilização das tecnologias nos processos de avaliação dos alunos. Num sentido oposto, são os professores com menos de 25 anos e os que estão entre os 40 e os 49 anos que demonstram uma autopercepção superior relativamente à utilização da tecnologia na maioria dos itens questionados.

Estes resultados encontram-se, assim, em consonância com diferentes estudos relativos aos estádios de desenvolvimento profissional da carreira docente e ao grau de investimento e confiança que os professores sentem em cada um destas fases (Huberman, 2000; Gonçalves, 2009). Se numa primeira fase da carreira, os professores vivenciam uma etapa “caracterizada por uma “variação” entre a luta pela “sobrevivência”, determinada pelo “choque do real”, e o entusiasmo da “descoberta” de um mundo profissional ainda algo idealizado” (Gonçalves, 2009, p.25), entre os 40 e os 49 anos, os professores experienciam fases de estabilidade e divergência, em que a confiança nas suas práticas pedagógicas possibilita quer um maior investimento no seu desenvolvimento profissional, quer um maior reconhecimento sobre o que consideram adequado e desadequado ao processo pedagógico.

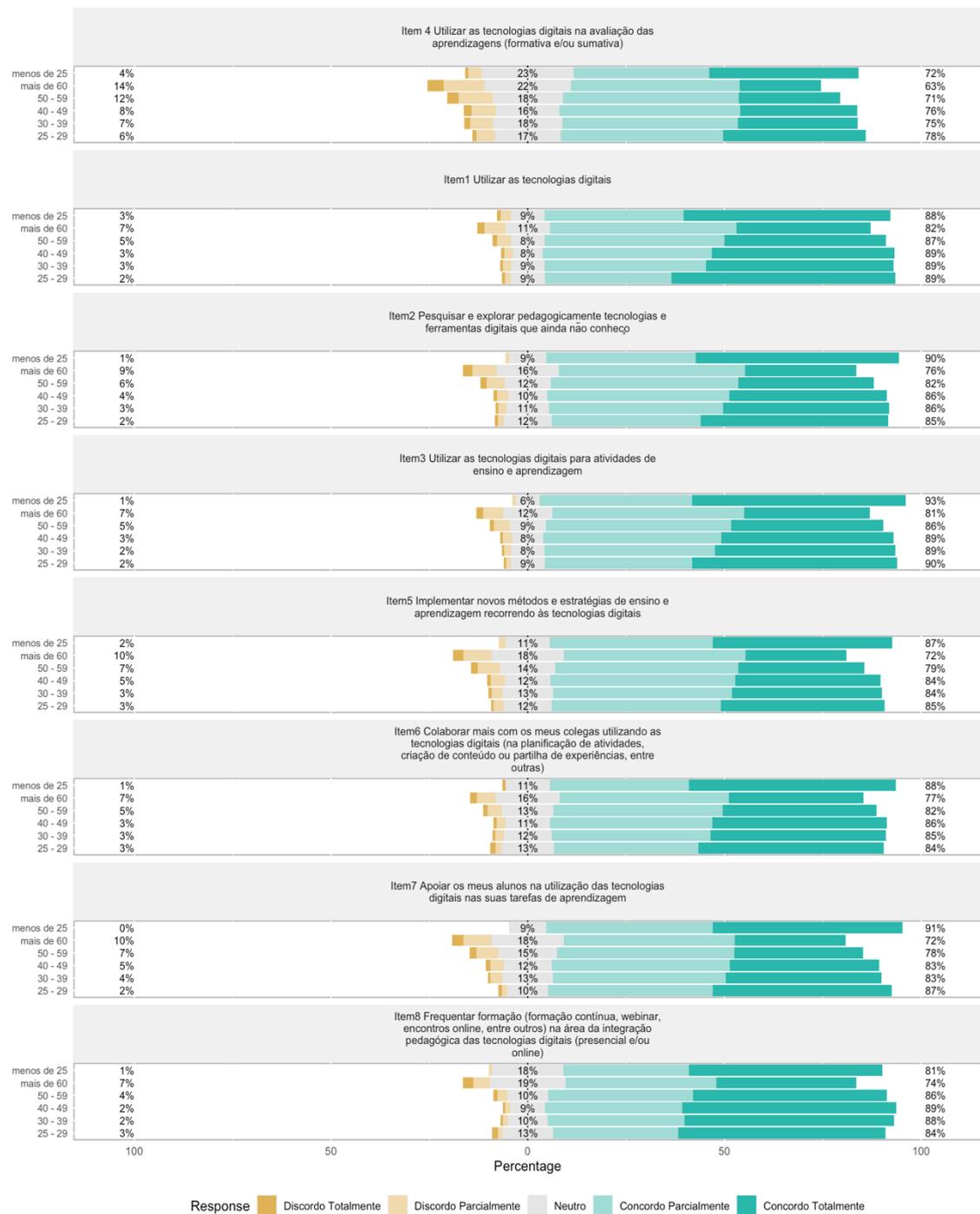


Figura 2: Percentagens relativas à confiança na utilização das tecnologias digitais pós transição para o período de Ensino Remoto de Emergência organizados por faixa etária dos professores

Por último, importa analisar os dados relativos à relação entre o grau de confiança dos professores e o nível de proficiência que estes demonstraram aquando das respostas relativas às suas competências digitais.

São os professores que se situam num nível de competência superior relativo às competências digitais (níveis C1 e C2) que apresentam uma maior confiança na utilização das tecnologias. Em todos os itens analisados apenas 5% dos professores com estes níveis de confiança revelaram discordar do aumento de confiança durante o período de transição digital.

No espectro oposto, situam-se os professores com níveis de competência digital mais baixos, sendo aqueles que se situam num nível de A1, os que mostram a sua discordância com o incremento da sua confiança na utilização das tecnologias digitais. Estes valores são particularmente elevados (32%) nos itens 7 – apoio aos alunos na utilização das tecnologias nas suas tarefas de aprendizagem – e 4 – utilização das tecnologias nas atividades de avaliação. Os resultados ganham uma maior expressão quando verificamos que os professores de nível A1 são igualmente os que têm uma menor incidência de respostas de concordância nesses mesmos itens.

À semelhança dos dados obtidos anteriormente, é no item 8 (relativo à frequência de ações de formação na área da integração do digital) que os resultados são superiores, tendo sido obtidos em todos os níveis de competência digital dos professores valores acima dos 50% no que se refere a um aumento da sua confiança durante este período de transição digital.

No entanto, importa analisar estes dados conjuntamente com os obtidos por Lucas e Bem-haja (2021) no que se refere ao nível de proficiência em competência digital dos professores portugueses. Para um melhor entendimento da confiança demonstrada pelos professores, é fundamental considerar que a formação a desenvolver junto dos professores deve ter como aspetos centrais, quer o nível de proficiência que estes revelaram ter, quer o grau de confiança que percebem. Só assim se pode procurar colmatar os valores reduzidos de confiança demonstrados pelos professores num nível A1 e A2 (recém-chegado e explorador, respetivamente), para que estes consigam entender a relevância e o valor dos resultados obtidos na utilização das tecnologias

digitais nos processos de ensino e de aprendizagem e no desenvolvimento profissional de cada professor.

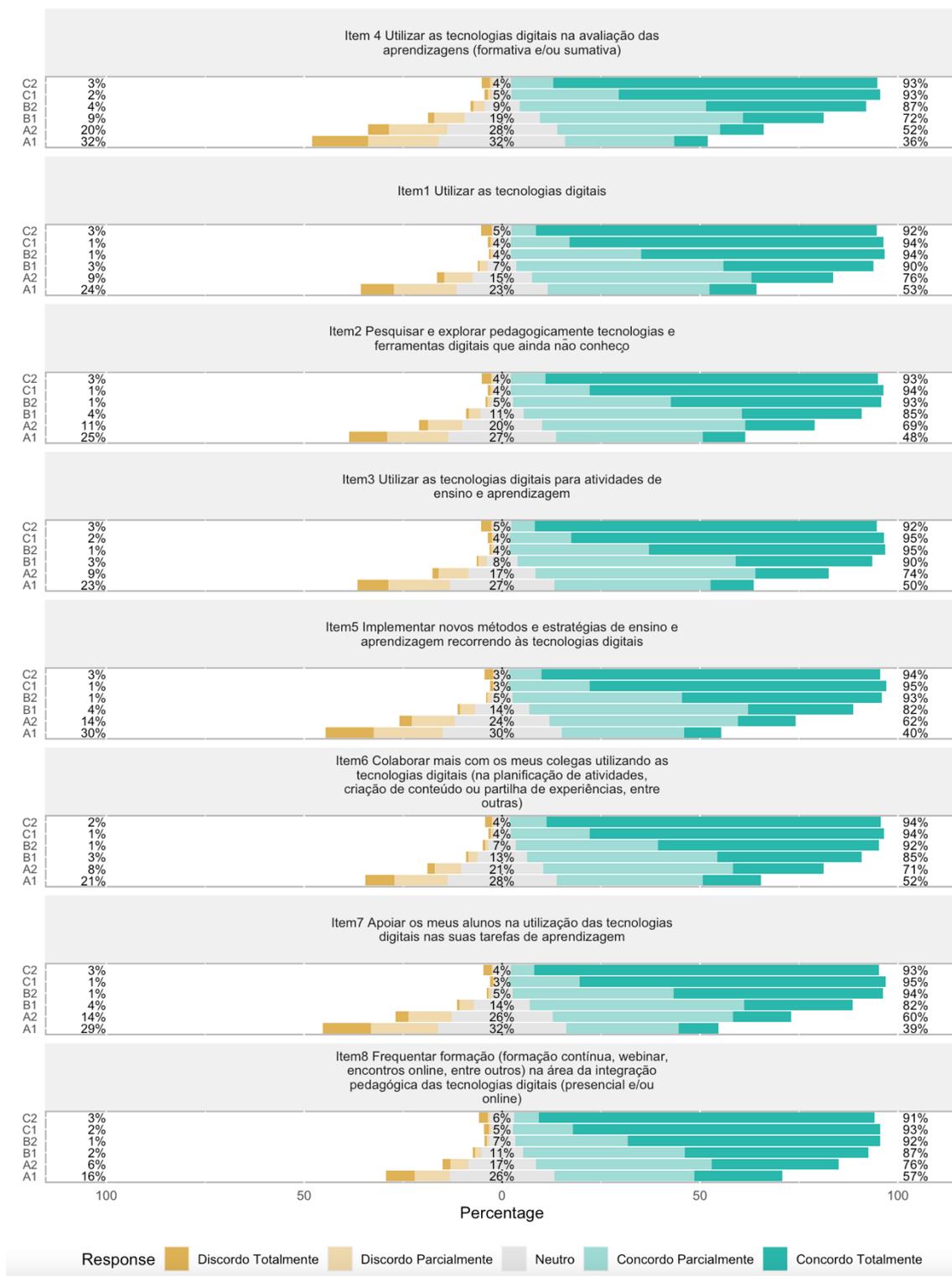


Figura 3: Percentagens relativas à confiança na utilização das tecnologias digitais pós transição para o período de Ensino Remoto de Emergência organizados pelo nível de proficiência em competências digitais

iv. Conclusões fundamentais

A passagem para o Ensino Remoto de Emergência – decorrente da pandemia motivada pela Covid-19 – trouxe alterações significativas e profundas ao funcionamento das escolas e de todos os seus atores. Estas modificações, e todas as suas implicações, conduziram necessariamente a um aumento na utilização das tecnologias digitais em todos os momentos do processo educativo. Contudo, esta utilização necessitou e necessita de processos reflexivos e formativos estruturantes que possibilitem uma efetiva integração da tecnologias na vida profissional de cada professor.

Deste modo, para que assistamos, efetivamente, ao exercício de práticas pedagógicas enriquecidas com tecnologia, um dos elementos fundamentais deve assentar na importância dada pelos professores à relevância das TIC “como meio de promover o acesso a um conjunto mais alargado de recursos, para eles próprios e para os seus alunos” (Peralta & Costa, 2007, p. 84).

Os resultados obtidos nesta investigação – que procuravam analisar o grau de confiança dos docentes na utilização do digital após a transição para o Ensino a Distância – revelaram índices elevados na percepção que os professores demonstram em relação à sua confiança na utilização de tecnologias nas suas práticas pedagógicas. Estes dados evidenciam-se em itens relacionados com a frequência de ações de formação na área da integração do digital e na utilização de ferramentas e aplicações nas suas atividades pedagógicas e didáticas.

Observar estes dados, em especial se considerarmos que os mesmos assentam na resposta de mais de 99000 professores, permite, por um lado, considerar uma efetiva permanência da utilização das tecnologias mesmo pós período de Ensino Remoto de Emergência, e, por outro, estruturar novas ações de formação que visem a inovação pedagógica – com e sem tecnologia – considerando quer os níveis de proficiência digital dos professores, quer os seus níveis de confiança para utilização do digital nas suas práticas pedagógicas, metodológicas, avaliativas e profissionais.

Referências Bibliográficas

- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioural change. *Psychological Review*, 84, 2, pp. 191-215.
- Gonçalves, J. A. (2009). Desenvolvimento profissional e carreira docente — Fases da carreira, currículo e supervisão. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 08, pp. 23-36.
- Huberman, M. (2000). O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto.
- Lucas, M. & Bem-Haja, P. (2021). Estudo sobre o nível de competências digitais dos docentes do ensino básico e secundário dos Agrupamentos de Escolas e das Escolas Não Agrupadas da rede pública de Portugal Continental. Universidade de Aveiro.
- Peralta, H. & Costa, F. A. (2007). Competência e confiança dos professores no uso das TIC. Síntese de um estudo internacional. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp. 77-86.